

APRENDER? UMA QUESTÃO DE DESEJO

REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS SUBJETIVAS NA APRENDIZAGEM INFANTIL

Paula Sabrina Barbosa de Albuquerque, Dr. Israel Soares de Sousa

Faculdades Integradas de Patos – FIP, paulasabrina.ba@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa científica de cunho qualitativo realizada na Escola Pequeno Príncipe, rede privada, localizada no município de Campina Grande/PB com o objetivo de observar e investigar, na prática, como as crianças se relacionam com o saber, de que maneira podemos intervir na formação de seres pensantes, cidadãos críticos e ativos na sociedade hodierna. Para estreitar um pouco a nossa pesquisa e, conseqüentemente, falar com mais propriedade da temática, escolhemos vivenciar experiências pedagógicas em uma turma do 1º do Ensino Fundamental. A metodologia da pesquisa teve como pressuposto as observações e análises em torno das expectativas e do envolvimento dos alunos frente às temáticas levadas para o ambiente escolar, ou brotadas pelos principais atores - os alunos - do processo de aprendizagem no transcorrer das aulas, bem como dos relatos de experiência da professora. Com o fim da compreensão e a análise dos dados obtidos, confrontamos com as informações bibliográficas que deram base e subsídios teóricos para a referida pesquisa, além de documentos oficiais brasileiros como a Constituição Federal 1988, LDB 9394/96, PCN 1997, dentre outros - nos direcionando em seus registros para uma revisão dos paradigmas no que diz respeito ao desejo e ao direito de aprender, dando vez e voz à criança no processo de aprendizagem. Assim, podemos afirmar que as concepções pedagógicas aspiradas pela escola intervêm na subjetividade da criança enquanto construção de uma aprendizagem significativa. Diante de tais pressupostos compreenderemos o papel da Psicopedagogia Institucional na dinâmica escolar.

Palavras-chave: Desejo de aprender, Subjetividade, LDB, Psicopedagogia.

Introdução

Considerando que os estudos acerca do processo de aprendizagem perpassam-nos desde a civilização grega através das indagações e afirmações dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles(322 a.C), aos questionamentos e críticas de demais teóricos, como René Descartes (somos seres pensantes/1500-1750 d.C), Vygotsky (ser histórico e social/ 1913-1917), John Dewey (teoria da ação/ 1859-1952), David Ausubel (aprendizagem significativa & a neurociência/ 1918-2008),passeando ainda pelos estudos de Paulo Freire (pedagogia da autonomia/ 1921-1997), Howard Gardner (inteligências múltiplas/ 1966–1971), Edgar Morin (complexidade/ 2011), Bernard Charlot (mobilizar saberes/2013), Alicia Fernández (O desejo de aprender/ 2001),

dentre tantos outros que contribuíram e contribuem em busca de possíveis respostas frente à complexa relação do aluno com o desejo de aprender.

Surgem-nos, então, inquietações quanto às inúmeras fundamentações teóricas e históricas da aprendizagem que deveriam ser o alicerce de nossa prática pedagógica, mas consequentemente são desconhecidas por um quadro considerável de “*ensinantes*” e, ou, descartadas. Como também, não podemos deixar de registrar a propostas impostas nas Matrizes Curriculares das escolas, por sua vez, recheadas de inúmeros conteúdos a serem trabalhados nos 200 dias letivos, além do sistema de avaliação adotado por ambas que acaba acarretando a “falta de tempo” do professor ao pensar em dar vez e voz ao desejo de aprender intrínseco na criança, levando-nos a ações educativas errôneas, que acabam provocando rupturas na relação do aluno com o saber.

E foi pensando criticamente nas práticas pedagógicas hodiernas que nos veio a seguinte indagação: Como a prática pedagógica intervém na subjetividade da criança na construção de uma aprendizagem significativa? E para estreitar um pouco a nossa pesquisa e, consequentemente, falar com mais propriedade da temática, escolhemos vivenciar experiências de observação e investigação em uma turma do 1º do Ensino Fundamental da Rede Privada do município de Campina Grande/PB.

Tendo como ponto de partida os pressupostos citados anteriormente podemos afirmar que esse projeto é fruto dos nossos anseios pela necessidade de busca de embasamento teórico para fundamentarmos o fazer pedagógico imbuídos no desejo de aprender de cada criança, principais atores no processo de aprendizagem, que em sua maioria vivenciam experiências, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dissociadas as suas expectativas, curiosidades e individualidades.

E foi apreciando o envolvimento de cada aluno com o conhecimento - desejo de aprender - e sua rotina diária em sala de aula frente às diferentes posturas pedagógicas dos professores e demais sujeitos do ambiente escolar (alunos, pais e coordenação pedagógica), algumas delas significativas e outras, ainda, pautadas em uma educação

bancária, que nos instigou a observar e investigar, na prática, como as crianças se relacionam com o saber, como podemos intervir na formação de seres pensantes, cidadãos críticos e ativos na sociedade em que estão inseridos; quais fatores, internos e/ou externos, influenciam no desejo de aprender das crianças. Assim, um dos nossos pilares será fazer com que o nosso aluno seja alimentado pela sede por conhecimento, ensinando-o a “saber pensar” e perceber suas capacidades cognitivas e emocionais.

O presente estudo pretende contribuir para o aprimoramento técnico e científico da Psicopedagogia Institucional, reconhecendo o papel do Psicopedagogo ao comprometer-se com a dinâmica escolar, das concepções de como o nosso aluno aprende às políticas educacionais. Afinal, é papel o profissional psicopedagogo busca respeitar as diferenças e reconhecer que nenhum humano possui todas as competências e habilidades presentes em nossa espécie: cada um, com a sua constituição, colabora para a formação do belo mosaico da vida humana (BLEUCLAIR, 2007, apud Oliveira 2009:51).

Metodologia

Escolhemos a metodologia da pesquisa qualitativa para refletir analiticamente quais fatores contribuem na relação dos alunos com o desejo de aprender em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, sendo realizada na Escola Pequeno Príncipe da rede privada do município de Campina Grande/ PB. Vale ressaltar que a pesquisa de cunho qualitativo traz uma riqueza maior quanto à realidade estudada, reduzindo a distância espacial e empírica entre o investigador e o investigado, aproximando a teoria e a práxis a partir da coleta de dados, em caráter descritivo, desenvolvida pelo pesquisador – sem se preocupar com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, contribuindo significativamente para a construção do conhecimento dos atores (sujeitos) da pesquisa.

Conforme Stake(1986):



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na maior parte dos estudos qualitativos, o processo de coleta de dados se assemelha a um funil. A fase inicial é mais aberta, para que o pesquisador possa adquirir uma visão mais ampla da situação, dos sujeitos, do contexto e das principais questões de estudo [...] (StakeapudLüdke& André 1986: 46).

Para ocorrer o elo entre os aspectos teóricos e empíricos, dividimos a pesquisa em duas etapas: a primeira refere-se ao trabalho de revisão de literaturas, fichamentos temáticos e levantamento bibliográfico, na segunda etapa, observamos quase que diariamente as expectativas dos alunos frente às temáticas levadas para o ambiente escolar e registraremos suas falas. Outra fonte, consideravelmente indispensável, foram os relatos - registros escritos - de atores do processo de aprendizagem: alunos, professores, coordenadores e familiares. Como bem respalda Krüger (2013: 42), o objetivo central dos aportes descritivos é compreender a realidade social e a percepção dos atores em seus modos de atuação (p.42).

Resultados e Discussão

E foi refletindo sobre o significado de atuarmos com as crianças como “seres pensantes”, não apenas como alunos, que escolhemos a Escola Pequeno Príncipe para acompanharmos de perto o dia a dia da turma do 1º ano do Ensino Fundamental, faixa etária entre 5 e 7 anos de idade, em seu ambiente escolar . Mas, por que uma turma de 1º ano para desenvolver a pesquisa? Uma vez que a pesquisa tem como objetivos observar e investigar, na prática, como as crianças se relacionam com o saber, de que maneira podemos intervir na formação de seres pensantes, cidadãos críticos e ativos na sociedade em que estão inseridos; quais fatores, internos e/ou externos, influenciam no desejo de aprender das crianças, nada melhor do que uma turma de crianças, que segundo as concepções piagetianas (1896-1980) estão saindo da tão chamada fase dos porquês e do faz de conta, migrando para o operatório-concreto, período em que seu pensamento apesar de lógico, ainda está preso aos conceitos concretos não fazendo ainda abstrações e quanto à questão de dominância apresenta o conhecimento dos fatos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

participando socialmente do grupo escolar e infantil. Dessa forma, poderíamos conceituá-lo como um período transitório de ebulição no processo de aprendizagem infantil.

Para sentirmos de perto esse período de “ebulição”, trouxemos alguns recortes dos diálogos entre alunos e alunos/professora presenciados durante o andamento da observação.

Onde tudo começou? Na Roda de Conversa, espaço propício para partilha e confronto de ideias, onde a liberdade da fala e da expressão proporciona ao grupo como um todo, e a cada indivíduo em particular, o crescimento "na compreensão dos seus próprios conflitos" (Freire, M. 2002:21). Pois bem, foi na Roda de Conversa – Projeto Borboletas – que surgiram os questionamentos e as afirmações abaixo:

- **“A borboleta é um inseto invertebrado porque não têm ossos.” (Gopal)**
- **“Como seria um esqueleto de uma borboleta?” (Ana Pérola)**
- **“As borboletas são da vida insecta. (Larissa)**
- **O que é vida insecta?” (Professora Rita)**
- **“É a vida só de insetos.” (Larissa)**
- **“As borboletas monarcas vivem o suficiente para ir ao México.” (Gopal).**

Mas, não para por aí! Muitas foram as conversações e dentre elas, a professora aproveitou para saber da turma o motivo pelo qual a maioria das crianças não estavam tendo interesse de ir a mesa dos livros, pois ao retornarem do recreio são disponibilizadas quatro propostas de atividades (massinha, jogos, desenhos e leitura de diferentes gêneros literários) de livre escolha. Vejamos alguns dos depoimentos:

- **“Tem uma população pequena na mesa dos livros” (Miguel)**

A professora perguntou:

- **“ Você costuma ir?**

Ele responde:

- **“Não!” (Miguel)**
- **“Por quê?” (Rita)**



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- **“Tem que botar mais livros.” (Miguel)**
- **“Sendo que não têm os livros que todo mundo quer ler. A pilha gigante que tem no meu quarto é quase infinita.” (Bruma)**
- **“E se a gente estudasse na biblioteca.” (Sofia)**
- **“Eu gosto muito de livros de mapas, porque gosto de explorar.” (Larissa)**

Em seguida, a professora indicou algumas fontes de leitura como a revista *Recreio*, prometendo levar alguns exemplares, o que deixou a turma curiosa para ler, e combinaram de ir à biblioteca da escola para selecionarem outros títulos de interesse deles.

Para Tardif (2002: 37),

Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões reacionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

Como bem defendia alemão Friedrich Froebel (1782-1852), o criador dos jardins-de-infância, “quanto mais ativa é a mente da criança, mais ela é receptiva a novos conhecimentos”. Nas entrelinhas, comentaríamos afirmando, cada criança precisa ser desafiada a participar do processo de construção do conhecimento, tendo o direito de usar a fala para expressar suas ideias, emitir suas opiniões, pronunciar a sua forma de ver o mundo. Falando e escutando o outro que fala, as crianças vão experimentando a construção coletiva, segundo Vygotsky (1989: 101), a linguagem, por exemplo, se desenvolve da necessidade externa do indivíduo para se comunicar com seus interlocutores, isto é, o desenvolvimento cognitivo se realiza por demandas externas ao organismo. Desse modo, o aprendiz é ativo, pois constrói aprendizagens. Já, o filósofo francês, Charlot (2013: 116) complementa dizendo que “ser construtivista implica despertar nos alunos um desejo de aprender, acompanhá-los em uma caminhada cheia de obstáculos superados, de erros retificados, de problemas resolvidos, de angústias, de mal-entendimentos, de incompreensões”.

Nos últimos dias, em plena segunda-feira, pós-movimento a nível nacional, eis que surge a seguinte fala:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- “ Fui para o movimento ontem e gritei FORA DILMA!” (Raphael)
- A professora:
- “Sobre política não devemos discutir com os colegas (Eles já brigaram por causa disso).”.
- “Mas cabem críticas...Se Dilma for embora, o Brasil ficará uma grande confusão...Imagina um país sem governo!” (Miguel)

Mediante diálogo acima, poderíamos até imaginar que tal “fala” não surgisse de uma criança, com apenas 6 anos, se não tivéssemos vivenciado. Mas, como chegar a esse nível de criticidade na aprendizagem infantil? Quais concepções pedagógicas são abraçadas? E o currículo, o que fazer? Ferraço, um dos autores que tem se dedicado a pensar sobre o currículo escolar, alerta que “a questão do conhecimento e, em particular, do currículo, não pode ser simplificada nem a textos prescritivos nem a singularidades subjetivas” (2008:18), ou seja, “o currículo é construído na prática diária e, portanto, nem sempre reflete exatamente o que os documentos oficiais orientam, mas também não pode ser entendido com decisão de qualquer um – fruto de construções coletivas” (BRASIL: 2012). Em adendo ao planejamento curricular, a professora Rita prepara as aulas a partir das discussões que foram surgindo. Vale salientar que a mesma faz registros diários, em seu caderno, das falas das crianças.

Numa perspectiva psicopedagógica, Alicia Fernandez (2001:102) afirma:

A pedagogia trabalha fazendo com que as coisas sejam pensadas, já a psicopedagogia busca fazer com que sejam pensáveis. Isso significa que suas intervenções estão direcionadas a abrir espaços subjetivos e objetivos onde a autoria de pensamento seja possível (a do outro e a minha). Significa conectar-se com a possibilidade, a experiência e a vivência de satisfação de sentir-se autor de seus pensamentos.

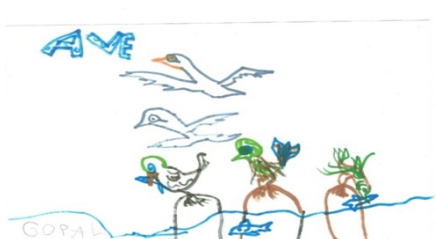
Em outro momento, lançamos a proposta de produzir um desenho a partir da temática: O que você mais gosta de aprender na escola? A fim de conhecermos um pouco mais sobre os seus desejos de aprendizagem por meio de registros gráficos. Ao apreciarmos e analisarmos os desenhos abaixo, psicopedagogicamente falando, chegamos a conclusão de que ao ir para a Escola essas crianças vão abastecidas de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

curiosidades e desejos a serem alimentados, por sua vez distintos, mas que serão subsidiados na dinâmica escolar planejada a partir das percepções da professora.



Gopal, 6 anos. Gosta de aprender sobre as aves.



Bruma, 6 anos. Gosta de aprender sobre o arco-íris e Matemática.



Luana, 6 anos. Gosta de aprender sobre a natureza.



Marianna, 5 anos. Gosta de fazer a tarefa.

Para finalizarmos, mas sem um “ponto final”, metaforicamente falando, fomos presenteados, as crianças foram apresentadas, com um relato especial da professora Rita, onde pedimos que descrevesse um pouco de suas experiências pedagógicas na turma do 1º ano da escola in loco e assim, nos relatou em versos:

Com vocês, de repente aprendo...

Cada dia, um momento,
em que já descobri
que de repente aprendo.
Quando todos ainda acham
que eu ensino todo tempo,
assim, sem querer, aprendo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Com vocês eu falo,
e os deixo falar
E com tudo, eu aprendo
Escrever, ler, contar
é tudo isso e muito mais,
os mapas, as galáxias,
os espíritos, as cadeias alimentares
e com tudo que existe, aprendo.
Drummond, José Paulo Paes
Dona Ruth, Silvy Orthof
com eles, aprendo.
Tomara que um dia
Seja uma professora muito maluquinha
porque assim, aprendemos.
Para meus alunos educadores.

Rita de Cássia

Conclusões

Fala-se muito que a teoria fica longe da prática, – discurso dos próprios professores – mas como seria uma prática pedagógica sem fundamentação teórica?

Hoje, ou melhor, desde a antiga civilização grega, somos privilegiados por contar com pesquisadores que se preocupam com o tão falado “Direito de aprender” de cada criança e assim adentram seus estudos numa vertente pedagógica compassiva ao desenvolvimento integral do ser humano. E que seus estudos sejam alicerce para um fazer pedagógico sistematizado, crítico e reflexivo, pensado e construído a partir da dialética prática-teoria-prática em favor de uma relação significativa com o saber, ou seja, uma relação em que as crianças sejam autoras e coautoras da elaboração do currículo escolar.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E que este currículo, conforme discutimos no presente estudo, não seja estático, mas sim arquitetado em consonância aos princípios educacionais assegurados na LDB 9394/96, em vigor, a qual entre um artigo e outro defende o pleno desenvolvimento do educando, bem como a valorização de uma formação qualitativa dos docentes para que aconteça um trabalho coerente às particularidades de cada aprendiz.

No entanto, os textos apresentados na legislação educacional brasileira são “muito bonitos/filosóficos”, historicamente solidificados por meio de muita luta e inserção de reformas educacionais, porém precisamos contar com pessoas que literalmente “vistam a camisa” e tenham compromisso ético, social e pedagógico com os processos de ensino e aprendizagem. Assim, poderemos dar uma nova roupagem ao cenário educacional brasileiro.

Concluimos, dizendo que o desejo de aprender vai além de uma aula motivacional, como também de documentos oficiais da Educação brasileira e suas políticas públicas. É preciso sensibilidade e que não deixemos o mundo utilitarista – sociedade neoliberal – tolher a perfeita filosofia que há entre o saber e o desejo de aprender.

Assim, as concepções pedagógicas aspiradas pela escola intervêm na subjetividade da criança enquanto construção de uma aprendizagem significativa. Brotando, diariamente, o desejo de aprender em nossos alunos e o melhor, sem medo de jogar-se na busca pelo conhecimento. Que nessa busca haja a migração do “saber comum” ao “saber científico”. E diante de tais pressupostos compreenderemos o papel da Psicopedagogia Institucional na dinâmica escolar.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Brasília: MEC/ SEF, 2002.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico - compreensiva**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. Coordenação Selma Garrido Pimenta. Coleção docência em formação: saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2013.

FERNANDEZ, A. **Os Idiomas do Aprendiz**. São Paulo: Artmed, 2001.

_____. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. São Paulo: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

KRUGER, Heinz – Hermann. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação na Alemanha**. In: Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Org. Wivian Weller e Nicole Pfaff. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez/ UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, Mari Angela Caldari. **Intervenção psicopedagógica na escola**. 2. ed. Curitiba, PR: Editora IESDE Brasil, 2009.

PIAGET, J. **A psicologia**. 2. Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

SCHWARTZ, Suzana. **Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.